

# IMIGRAÇÃO, ASSIMILAÇÃO E XENOFOBIA: ALGUMAS NOTAS

Lineu Norio Kohatsu<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo reunir algumas anotações feitas a partir dos estudos realizados no âmbito do grupo de pesquisa Migrações e Identidade. Tendo como ponto de partida alguns questionamentos sobre o conceito de assimilação, foram revistas as contribuições apresentadas por pesquisadores da Escola de Chicago, como W. I. Thomas & F. Znanieck e R. E. Park & E. W. Burgess, e de outros mais recentes como M. Gordon e R. Alba & V. Nee. Na sequência, tendo como referência o estudo da Personalidade Autoritária, realizado por T. W. Adorno e colaboradores, e os estudos realizados por J. L. Crochík no âmbito da psicologia, procurou-se mostrar que a xenofobia, assim como outras formas de discriminação, tem em sua base o preconceito. Por fim, considerando que o processo de inserção não depende apenas dos esforços do imigrante em adaptar-se à cultura dominante, mas, sobretudo do acolhimento por parte da sociedade receptora, entende-se como necessário reconhecer a xenofobia e outras manifestações do preconceito como barreiras que dificultam e impedem a participação social plena.

**Palavras chave:** Imigração. Assimilação. Xenofobia.

**Abstract:** This article aims to gather some notes made from studies carried out within the research group Migrations and Identity. Taking as its starting point some questions about the concept of assimilation, the contributions presented by some of the researchers of the School of Chicago, such as W. I. Thomas & F. Znanieck and R. E. Park & E. W. Burgess, and more recent ones such as M. Gordon and R. Alba & V. Nee, were reviewed. Following the study of the Authoritarian Personality by T. W. Adorno and collaborators, and the studies carried out by J. L. Crochík in the field of psychology, we have attempted to show that xenophobia, as well as other forms of discrimination, has the prejudice at their base.

---

<sup>1</sup> Professor Doutor do Instituto de Psicologia da USP. email: lineu@usp.br

Finally, considering that the insertion process depends not only on the immigrant's efforts to adapt to the dominant culture but, above all, on reception by the host society, it is understood as necessary to recognize xenophobia and other manifestations of prejudice as barriers that impede full social participation.

**Keywords:** Immigration. Assimilation. Xenophobia.

*Perdido em el corazón  
De la grande Babylon  
Me dicen el clandestino  
Por no llevar papel  
Clandestino  
Manu Chao*

Em matéria publicada pela BBC, em 24 de março de 2019, Gilles Pison, pesquisador do Instituto Nacional de Estudos Demográficos (Ined), Paris, em seu mais recente estudo sobre a migração global, mostra que “Apesar de sua grande escala, especialmente na Europa, os fluxos migratórios gerados desde 2015 por conflitos no Oriente Médio não alteraram significativamente o quadro global da migração internacional”. Com base em dados da Organização das Nações Unidas (ONU), Pison aponta que havia cerca de 258 milhões de migrantes internacionais em 2017, ou seja, somente 3,4% da população mundial vivem fora de seus países de origem. Comenta ainda que o crescimento da proporção de imigrantes em 30 anos aumentou apenas ligeiramente, de 2,3 % em 1965 para 2,9% em 1990.

O estudo de Pison mostra ainda mudanças dos fluxos migratórios globais na última década, tendo os movimentos sul-sul, ou seja, fluxos entre os países em desenvolvimento superando as migrações de países pobres para os mais ricos. O país com a maior população de imigrantes, em números absolutos (dados de 2015), são os Estados Unidos (49,5

milhões). No entanto, se considerada a proporção de imigrantes em relação à população total do país, segundo dados da ONU (2017), os Estados Unidos comparecem em oitavo lugar (15,1% da população total), sendo antecidos pelos Emirados Árabes (88,4%), Singapura (46%), Arábia Saudita (37%), Suíça (29,6%), Austrália (28,8%), Canadá (21,5%), Áustria (19%), seguidos pela Alemanha (14,8%), Reino Unido (13,4%), Espanha (12,8%) e Holanda (12,1%). O Brasil tem menos de 1% de imigrantes em relação à população total (GALO, 2018, p.7).

Na matéria há referência também à emigração, sendo apontados os países com as maiores populações de emigrados: Índia (16,6 milhões), México (13), Rússia (10,6), China (10), Bangladesh (7,5), Síria (6,9), Paquistão (6), Ucrânia (5,9), Filipinas (5,7), Reino Unido (4,9) e Afeganistão (4,8). A Bósnia-Herzegovina tem 3,5 milhões de cidadãos vivendo fora do país, que em termos percentuais significa mais de 45% da população total. Embora a matéria não faça referência aos motivos da emigração, é de conhecimento geral a existência de conflitos e guerras em alguns dos países que estão listados.

Segundo relatório anual da Agência da ONU para Refugiados – ACNUR (UNHCR, 2017), 68,5 milhões de pessoas tiveram de migrar devido às guerras, perseguições, conflitos ou violência generalizada; destas, 40 milhões são pessoas deslocadas internamente, 25,4 milhões são refugiados e 3,1 milhões são solicitantes de asilo. Síria e Afeganistão são os países de onde se origina a maior parte dos refugiados.

Os resultados apresentados por Pison na referida matéria da BBC vão ao encontro do que já fora apontado há anos por Castles & Miller:

La mayor parte de los seres humanos reside em su país de origen. Convertirse voluntariamente en residentes de otros países o ser víctimas de expulsión, es la

exepción y no la regla. Sin embargo, el impacto de los flujos de migración internacional, con frecuencia es mas grande que lo sugerido por cálculos como los hechos por la OIM. (...) La migración afecta así no solo a los migrantes mismos sino a las sociedades de origen y receptoras en su totalidad. (CASTLES & MILLER, 2004, p.16).

Embora os números de imigrantes no mundo não sejam tão altos como suposto pelo senso comum, não se deve desconsiderar os impactos causados pelos fluxos migratórios na vida dos migrantes e também nas sociedades de origem e destino, tal como pontuado por Castles & Miller (2004).

No entanto, o que pode ser colocado em questão a partir do estudo de Pison é o “medo injustificado” (sic) provocado pela imigração, representado, não raras vezes pelos meios de notícias, como uma multidão que se desloca e invade de forma avassaladora os países.

Além do “medo injustificado” causado pelos fluxos de migrantes, há que se recordar também que desde o início do século XXI, tendo o atentado de 11 de setembro de 2001 como referência histórica, o terrorismo é considerado uma ameaça em nível global, provocando reações xenofóbicas e justificando políticas antiimigratórias adotadas por alguns países.

No Brasil, a proporção de imigrantes em relação à população total é significativamente mais baixa do que a de outros países. No entanto, as recentes ondas migratórias têm ocupado as pautas de notícias, muitas delas enfatizando apenas os aspectos negativos da imigração, reforçando estereótipos relacionados aos imigrantes e estimulando reações xenofóbicas, conforme pode ser observado em alguns comentários de leitores das notícias veiculadas pela *internet*.

Ainda que os fluxos migratórios sejam quantitativamente

diferentes em cada país, os impactos da imigração, tal como pontuado por Castles & Miller (2004), não devem ser desconsiderados. A vinda de imigrantes de diferentes nacionalidades, etnias, culturas, línguas e classes sociais demandam políticas de recepção e acolhimento consistentes para que a inserção na sociedade de destino possa ocorrer de modo menos conflituoso possível.

No âmbito acadêmico, a complexidade do fenômeno migratório contemporâneo também requer a revisão dos conceitos, teorias e modelos de análise.

Considerando esses breves apontamentos, pretende-se apresentar um esboço de algumas ideias e questões – ainda em fase de elaboração –, que surgiram dos estudos realizados no âmbito do grupo de pesquisa Migrações e Identidade.

Inicialmente, orientado por algumas questões norteadoras sobre o conceito de assimilação, são revistas as contribuições apresentadas por alguns dos pesquisadores da Escola de Chicago, como W. I. Thomas & F. Znanieck e R. E. Park & E. W. Burgess, e de outros mais recentes como M. Gordon e R. Alba & V. Nee. Na sequência, propõe-se uma breve discussão sobre os aspectos psicológicos da xenofobia, tendo como referência principal o estudo da Personalidade Autoritária realizado por T. W. Adorno e colaboradores, e os estudos realizados por J. L. Crochík sobre o preconceito.

## Revisitando o conceito de assimilação

*(Sayad) estaba animado por un deseo apasionado de saber y de comprender, que eran sin duda ante todo su voluntad de conocerse a él mismo, de comprender lo que él mismo era y su posición imposible de extranjero perfectamente integrado y sin embargo*

*perfectamente inasimilable. (BOURDIEU, 2010, p.14).*

As controvérsias em torno da assimilação como um conceito, uma teoria ou um modelo de análise do processo de inserção de indivíduos ou grupos minoritários à sociedade majoritária não são recentes.

Segundo Alba e Nee:

Embora tenha sido o conceito organizador inquestionável nos estudos sociológicos das relações étnicas, nas últimas décadas a assimilação passou a ser vista pelos cientistas sociais como uma teoria desgastada que impõe exigências etnocêntricas e paternalistas aos povos minoritários que lutam para manter sua integridade cultural e étnica. (ALBA & NEE, 1997, p-826-827). (tradução livre).

O entendimento da assimilação como uma das formas preferenciais de incorporação de indivíduos ou grupos minoritários à sociedade majoritária, sob a exigência da aceitação da cultura dominante, da língua, hábitos e costumes, implicando no abandono e na negação das características de origem, levando à despersonalização e conseqüentemente ao sofrimento psíquico, não poderia resultar em concordância sem críticas devido à violência imposta por esse processo de ajustamento.

Ainda que a assimilação não seja vista apenas como uma exigência unilateral da sociedade receptora, mas também como um desejo dos indivíduos ou dos grupos minoritários, como os imigrantes, a questão que se coloca é se esse processo dependeria única e exclusivamente do esforço daqueles que devem se ajustar ou se dependeria, sobretudo, da aceitação da maioria dominante e do reconhecimento de que os estrangeiros são também igualmente sujeitos de direitos como os demais. E ainda, se esse processo de aceitação recíproca, ou seja, a assimilação

plena seria possível nas sociedades em que as desigualdades econômica e social estão estruturalmente instaladas?

Partindo dessas questões norteadoras, seguem as anotações realizadas com base na leitura de alguns teóricos que se dedicaram à discussão da assimilação de imigrantes.

## A Escola de Chicago como ponto de partida

Os estudos realizados na Escola de Chicago (HARVEY, 1987), desenvolvidos por pesquisadores como William I. Thomas, da primeira geração, Robert Ezra Park e Ernest W. Burgess, da segunda geração, tornaram-se referências nos estudos sobre a assimilação de imigrantes.

*The Polish Peasant in Europe and América*, extenso estudo empírico realizado por Thomas e Znaniecki (1927), com entrevistas e histórias de vida de camponeses que viviam na Polônia e outros que haviam emigrado para os Estados Unidos, publicado em cinco volumes, é considerado um dos trabalhos pioneiros sobre o tema (BECKER, 1996, p. 179).

Coulon (1995), em seu livro “A Escola de Chicago”, ao comentar sobre o trabalho de Thomas e Znaniecki (1927), destaca o conceito de desorganização social, entendido como parte de um processo contínuo de organização, desorganização e reorganização, tal como ocorre na imigração, quando um grupo social antes organizado se desorganiza para posteriormente reorganizar-se. Nesse processo, a reorganização pode assumir uma forma mista, ou seja, não é mais completamente a antiga, nem inteiramente a nova, sobrevivendo formas culturais paralelas, permanecendo como uma promessa de assimilação para as futuras gerações. Deve-se considerar também que, mesmo que um grupo alcance algum nível de reorganização satisfatória, indivíduos podem continuar

inadaptados e suscetíveis à delinquência, ao alcoolismo, à vagabundagem ou a diversas formas de crime. Isso pode ocorrer quando o indivíduo é pressionado a abandonar os antigos vínculos sem que tenha alcançado satisfatoriamente os novos.

Para Thomas, a assimilação é ao mesmo tempo desejável e inevitável. Os indivíduos devem poder emancipar-se da cultura do grupo étnico originário; os imigrantes devem aprender a língua do país que os acolhe, sua história, seus ideais e seus valores, mas uma fase de transição é importante para que a comunidade de imigrantes mantenha e cultive sua identidade enquanto estabelece um elo com a nova identidade. Thomas insistia que os imigrantes pudessem continuar falando e lendo em sua língua nativa, para favorecer a transição para a assimilação (COULON, 1995, p.40). O processo de transição é importante também para possibilitar que os americanos se familiarizem com as culturas dos países dos imigrantes (COULON, 1995, p.39).

Outro aspecto comentado por Coulon (1995, p. 30) sobre os estudos de Thomas e Znaniecki, é o destaque dado à dimensão subjetiva na análise sociológica empreendida. Em 1907, Thomas introduz o conceito de atitude, que são características subjetivas dos indivíduos, conjunto de ideias e emoções que se transforma em uma disposição permanente em um indivíduo e lhe permite agir de maneira regular. Segundo Thomas, a assimilação, antes de qualquer coisa, é um processo psicológico, e será completa quando o indivíduo tiver interesse pelos mesmos objetos que o americano de origem, ou seja, quando ele se tornar membro. Do ponto de vista subjetivo, pode-se entender que o processo de assimilação se completa quando o indivíduo se identifica com a cultura do país receptor. Todavia, para que isso ocorra, será necessária também a contrapartida, ou seja, que os indivíduos do grupo majoritário acolham e reconheçam os imigrantes como membros sob as mesmas condições que os demais.

Caso isso não aconteça, a assimilação plena estará impedida.

Os trabalhos de Park e Burgess, considerados pesquisadores da segunda geração da Escola de Chicago (HARVEY, 1987, p. 9), também se tornaram referência para os estudos sobre a assimilação de imigrantes.

Segundo Park e Burgess:

A assimilação é um processo de interpenetração e fusão em que pessoas e grupos adquirem as memórias, os sentimentos e as atitudes de outras pessoas ou grupos, e compartilhando suas experiências e história, são incorporados a eles em uma vida cultural comum. (PARK & BURGESS, 1924, p.735) (tradução livre).

Vale destacar que, nesse modo de entender a assimilação, o processo social que leva as minorias à corrente principal da vida americana não parece exigir o “apagamento de todos os sinais de origem étnica” (ALBA & NEE, 1997, p.828). Esse entendimento é confirmado na citação que Coulon (1995) faz a outro trabalho de Park, *Racial assimilation in secondary groups with particular reference to the negro*, publicado no *American Journal of Sociology*, no ano de 1914, em que o sociólogo expõe a assimilação como um processo em que os indivíduos “participam ativamente do funcionamento da sociedade sem perder suas particularidades” (PARK, 1914, citado por COULON, 1995, p.45)

Um dos trabalhos mais conhecidos de Park, em que expõe, de certa forma, os limites da assimilação, não pode ser desconsiderado.

No artigo *Human migration and the marginal man*, publicado em maio de 1928, no *The American Journal of Sociology*, Park escreve:

Uma das conseqüências da migração é criar uma situação em que o mesmo indivíduo - que pode ou não ser um sangue mestiço - se encontra lutando em dois grupos culturais diferentes. O efeito é produzir um caráter instável - um tipo de personalidade com formas características de comportamento. Este é o “homem marginal”. (PARK, 1928, p.881).

Park compara a situação dos imigrantes nos Estados Unidos à condição vivida pelo judeu emancipado, o típico estrangeiro descrito por Georg Simmel (1908/1971) no ensaio *The Stranger*. O homem marginal, seja o judeu ou o imigrante, é aquele que consegue se inserir na sociedade, mas permanece à margem.

Mesmo considerando que o processo de aculturação e assimilação não prosseguem com a mesma facilidade e velocidade em todos os casos, sob certas condições, parece prorrogar-se indefinidamente. O indivíduo permanece pausado no processo de transição cultural, não pertencendo nem mais à cultura de origem e nem ainda à cultura de destino.

O homem marginal, segundo Park, é aquele que permanece dividido por encontrar-se em dois mundos, sem poder pertencer integralmente a nenhum deles; velhos hábitos estão sendo descartados e os novos ainda não estão formados. A transição entre o eu antigo e o novo eu fica suspensa, indefinida, provocando intensa turbulência interna, resultando em um tipo de personalidade em crise permanente. O homem marginal ao transitar entre dois mundos permanece mais ou menos estranho em ambos

É pertinente enfatizar a observação feita por Park em relação aos japoneses e os negros que vivem nos Estados Unidos, exemplos de casos em que a assimilação cultural não ocorre, não tanto em virtude da mentalidade dos indivíduos, mas devido às feições e características físicas divergentes que apresentam.

Disso apreende-se que a assimilação não depende apenas dos esforços dos indivíduos em se assemelharem culturalmente, mas sobretudo da aceitação do grupo majoritário. Em certas situações em que os traços distintivos não são apenas culturais, mas também físicos, para além da não aceitação do estrangeiro, há indícios de rejeição caracterizada como racismo.

Nos estudos sobre assimilação de imigrantes, Milton Gordon, da Universidade de Massachusetts, é também um autor de referência. Em seu livro *Assimilation in American Life: The Role of Race, Religion, and National Origins*, Gordon realiza uma interessante revisão do conceito de assimilação, retomando os trabalhos de Park e outros autores.

Antes de apresentar a revisão feita por Gordon, merece ser destacado o modo como o autor inicia a introdução de seu livro:

Este livro está preocupado, em última análise, com problemas de preconceito e discriminação decorrente de diferenças raciais, religiosas e origem nacional entre os vários grupos que compõem o povo americano. (GORDON, 1964, p.3) (tradução livre).

É interessante notar como Gordon coloca em destaque a questão do preconceito e da discriminação em seu livro, que tem como tema a assimilação de indivíduos de diferentes raças, religiões e nacionalidades. No entanto, faz questão de diferenciar o propósito de seu livro dos demais estudos sobre o preconceito e discriminação, que tem como eixo de análise questões relacionadas à personalidade, citando inclusive a pesquisa “A personalidade autoritária”, coordenada por T.W. Adorno, sobre a qual será feita uma menção neste artigo.

Gordon esclarece que seu foco de interesse está na análise das relações entre o grupo étnico e a dinâmica de classe social ou, em outras palavras, na estrutura das inter-relações de grupos étnicos que ocorrem na sociedade americana.

Embora os americanos de inclinação liberal, defensores da igualdade de oportunidades, sejam contrários à discriminação, Gordon observa que a discussão sobre a preservação ou abandono das identidades grupais de negros, judeus, católicos ou mexicanos na sociedade americana não tem recebido muita atenção ou é abordada de forma superficial. “Nós queremos ‘assimilação total’, ‘*the melting pot*’, ou o ‘pluralismo

cultural’”)? – indaga o autor.

O aumento da imigração voluntária nos Estados Unidos coloca em discussão os processos de incorporação de indivíduos e de grupos de diferentes origens étnicas, com repercussão também no âmbito acadêmico. Afirmar que os sociólogos preferem o uso do termo assimilação, diferentemente dos antropólogos que adotam o termo aculturação, não esclarece a diferenciação entre os termos, que não raramente são usados como equivalentes.

Ao revisar o modo como os pesquisadores têm significado os termos, além de retomar o trabalho de Park e Burgess, citado anteriormente neste artigo, Gordon apresenta a definição proposta por Park publicada na *Encyclopedia of the Social Sciences*, onde o pesquisador se refere à assimilação como um processo pelo qual povos de diversas origens raciais e diferentes heranças culturais, convivendo no mesmo espaço, alcançam “uma solidariedade cultural” (PARK citado por GORDON, 1964, p.63). Outro trecho merece citação direta:

Nos Estados Unidos, um imigrante é normalmente considerado assimilado assim que ele adquire a língua e o ritual social da comunidade nativa e pode participar, sem encontrar preconceitos, na vida comum, econômica e política. O ponto de vista do senso comum é que um imigrante é assimilado assim que ele mostra que ele pode “entrar no país”, o que implica, entre outras coisas, que em todos os assuntos comuns da vida ele é capaz de encontrar um lugar na comunidade, com base em seus méritos individuais, sem referência obstinada ou qualificadora à sua origem racial ou à sua herança cultural. (PARK citado por GORDON, 1964, p.63) (tradução livre).

Pelo que se pode ver, é possível considerar, portanto, que a existência do preconceito é uma barreira à assimilação do imigrante, a despeito dos esforços empreendidos por este.

Fichter corrobora essa perspectiva, entendendo que a assimilação não deve ser interpretada como um processo unilateral, mas como uma relação de interação na qual ambas as partes se comportam reciprocamente, embora uma seja muito mais afetada que a outra. (FICHTER, 1957, citado por GORDON, 1964, p. 65).

Green também reforça o entendimento de que a assimilação decorre de uma disposição de mudança recíproca entre o recém-chegado e o grupo receptor, destacando que é o grupo receptor que geralmente impõe barreiras à participação social. (GREEN, 1952, citado por GORDON, 1964, p.66).

No entanto, esse entendimento não pode ser tomado como um consenso, tal como pode ser visto na citação que Gordon faz a outros autores:

Da mesma forma, a assimilação social não requer a identificação completa de todas as unidades, mas sim as modificações que eliminam as características de origem estrangeira e permitem que todas se encaixem perfeitamente na estrutura e funcionamento típicos da nova unidade cultural ... [e mais tarde] Em essência, assimilação é a substituição de um padrão de nacionalidade por outro. Ordinariamente, as modificações devem ser feitas pelo grupo mais fraco ou numericamente inferior. (FAIRCHILD, 1944, citado por GORDON, 1964, p.64) (tradução livre).

Para Fairchild, o abandono das características de origem por parte do grupo minoritário é vista como condição necessária para a aquisição de um novo padrão de nacionalidade. E mais, pode se entender que a concessão cabe somente ao grupo mais fraco ou numericamente inferior.

Berry (1951, citado por GORDON, 1964, p.65) enfatiza que não basta o compartilhamento de itens de fácil aquisição como roupas, comida, linguagem, mas também valores, memórias, sentimentos e atitudes.

Pode se inferir, desse modo, que apenas a mudança do comportamento mais visível não é suficiente, mas é necessária também uma mudança subjetiva, portanto, psicológica do estrangeiro. Para que isso ocorra, ou melhor, para que o indivíduo ou grupo minoritário aceitem as mudanças, é necessária uma disposição interna e algum nível de identificação com o grupo majoritário.

Rose também segue na mesma direção, entendendo que a assimilação implica que o indivíduo ou o grupo “não tenha mais nenhuma característica identificando-o com sua cultura anterior e não tenha mais nenhuma lealdade particular à sua cultura anterior”. (ROSE, 1956, citado por GORDON, 1964, p. 66). Dessa maneira, pode-se entender que aqui também se considera como necessária uma mudança interna e uma disposição subjetiva para romper com qualquer laço de lealdade com a cultura originária.

Gordon também concebe a assimilação com várias dimensões, cujo final seria a incorporação completa dos padrões culturais do país receptor pelas minorias e o abandono das referências anteriores. Por outro lado, para que a assimilação seja considerada completa, não devem existir comportamentos discriminatórios ou atitudes preconceituosas contra os indivíduos dos grupos minoritários. Assim, Gordon parece considerar que a assimilação não depende apenas dos esforços dos indivíduos ou grupos que desejam ser incorporados à sociedade receptora, mas também da abertura e acolhimento por parte da maioria, na medida em que devem agir no sentido de evitar a instalação de barreiras atitudinais ou comportamentais. É necessário esclarecer que esta não é a maneira mais aceita de interpretar a posição de Gordon, criticado justamente por defender a natureza unilateral do processo de assimilação, na qual uma minoria deve mudar completamente enquanto a maioria permanece incólume (ALBA & NEE, 1997).

Gordon adota a assimilação como modelo analítico, apontando diferentes tipos / dimensões: cultural, estrutural, marital, identificacional, atitude de recepção (ausência de preconceitos), comportamento de recepção (ausência de discriminação) e comportamento cívico.

Tendo esse modelo de análise, são bem interessantes as conclusões a que chega ao comparar quatro grupos étnicos – porto riquinhos, negros, judeus, católicos (não negros e não hispânicos), mostrando como cada um deles alcança ou não assimilação em seus diferentes tipos. Porto riquinhos foram apontados como substancialmente inassimiláveis culturalmente e não assimilados nos outros tipos (estrutural, marital, identificacional, atitude de recepção, comportamento de recepção e cívico). O grupo dos negros, uma das minorias mais antigas da América, também não alcançou assimilação na maioria dos tipos, somente na assimilação cultural. Esse aspecto mereceria ser mais discutido, pois a não assimilação cultural pode ser entendida como uma recusa do grupo minoritário em aceitar os padrões culturais dominantes, mas também pode indicar que outros aspectos como cor e raça podem interferir na aceitação de certos grupos e serem tão determinantes quanto os aspectos culturais, religiosos, ou de nacionalidade.

A partir dessas observações, constata que:

- 1) a assimilação cultural, ou aculturação, é provavelmente o primeiro dos tipos de assimilação a ocorrer quando um grupo minoritário chega ao local;
- e 2) a assimilação cultural, ou aculturação, do grupo minoritário pode ocorrer mesmo quando nenhum dos outros tipos de assimilação ocorre simultaneamente ou mais tarde, e essa condição de “apenas aculturação” pode continuar indefinidamente. (GORDON, 1964, p. 77) (tradução livre).

Continuar indefinidamente pode ser entendido como impedido de ser plenamente aceito e incorporado à sociedade, permanecendo à

margem.

Conforme Gordon observa, apenas a aculturação não garante a assimilação estrutural, ou seja, a inclusão de indivíduos nos grupos e instituições sociais primários majoritários, tampouco casamentos interraciais ou eliminação do preconceito e da discriminação.

Nesse modelo analítico, a aculturação se diferencia da assimilação e:

Uma vez que a assimilação estrutural tenha ocorrido, seja simultaneamente ou subseqüentemente à aculturação, todos os outros tipos de assimilação seguirão naturalmente. (...) enquanto a aculturação (...) não leva\_\_necessariamente à assimilação estrutural, a assimilação estrutural inevitavelmente produz aculturação. A assimilação estrutural, e não a aculturação, é vista como a pedra angular do arco de assimilação. O preço de tal assimilação, no entanto, é o desaparecimento do grupo étnico como uma entidade separada e a evaporação de seus valores distintivos. (GORDON, 1964, p. 81) (tradução livre).

Ainda que o desaparecimento étnico seja considerado o preço a ser pago pela assimilação, vale insistir que isso somente ocorrerá se as diferenças étnicas, culturais, religiosas deixarem de ser motivo para justificar a discriminação.

Richard Alba e Victor Nee (1997), no artigo *Rethinking Assimilation Theory for a New Era of Immigration*, propõem uma revisão crítica da obra de Gordon e de outros autores e, sem desconsiderar a impopularidade do termo e as reações negativas, argumentam que a teoria da assimilação não perdeu a utilidade para os estudos contemporâneos da imigração nos Estados Unidos. Reconhecendo a visão etnocêntrica presente na maneira como alguns pesquisadores conceberam o termo no passado, apresentam a seguinte reformulação do conceito:

Nossa reformulação da assimilação enfatiza sua utilidade para entender a dinâmica social da etnicidade na sociedade americana, em oposição às suas aplicações normativas ou ideológicas passadas. Como um programa normativo imposto pelo Estado, visando erradicar as culturas minoritárias, a assimilação foi justificadamente repudiada. Mas, como um processo social que ocorre espontaneamente e muitas vezes não intencionalmente no curso da interação entre a maioria e os grupos minoritários, a assimilação continua sendo um conceito-chave para o estudo das relações intergrupais. (ALBA & NEE, 1997, p. 827) (tradução livre).

Passando rapidamente pelas contribuições canônicas da Escola de Chicago, Alba e Nee revisam criticamente os conceitos de Gordon. Uma das limitações apontadas é referente ao modo como Gordon, em suas análises sobre a assimilação dos grupos minoritários pelos grupos majoritários, desconsiderou a heterogeneidade da sociedade americana, assim como a relação entre os membros de diferentes grupos étnicos minoritários. Conforme Alba e Nee, o conceito de cultura de Gordon, além de ser excessivamente homogêneo, tem recebido críticas por ser estático. O processo de aculturação, em seu modo de ver, envolve mudança por parte do grupo étnico em direção à classe média anglo-americana, a qual permanece inalterada, concepção que não é compartilhada por Alba e Nee (1985, p.834).

Alba e Nee, com intuito de expandir a discussão, citam *Ethnic Stratification*, trabalho de Tomatsu Shibutani e Kian Kwan (1965), no qual os pesquisadores, tendo como referência o trabalho dos sociólogos da Escola de Chicago, especialmente o interacionismo simbólico de Mead, argumentam que “como a pessoa é tratada na sociedade depende ‘não do que ela é’, mas da ‘maneira da qual ela é definido’” (SHIBUTANI & KWAN, 1965, citados por ALBA & NEE, 1985, p. 838).

Shibutani e Kwan procuram mostrar como as diferenças, sustentadas simbolicamente, produzem a distância social que, por sua vez, segregam as minorias e impedem a assimilação. A distância social, entendida pelos pesquisadores como o estado subjetivo de proximidade sentido por certos indivíduos, quando diminuída estimula a assimilação estrutural. Quando a distância social é pequena, existe sentimento de identidade comum, proximidade e compartilhamento de experiências.

## Aspectos psicológicos da xenofobia

*Tem que deportar esses trastes daqui o mais rápido possível. o povo brasileiro nao tem nada a ver com a desgraça deles, na Venezuela tem um alto indice de criminalidade na maioria desses que vem pra ca sao favelados com baixa escolaridade (...) além disso estao trazendo doenças já extintas como o sarampo e tambem miseria ja basta os nossos problemas o Brasil tem que parar com essa imagem de país receptivo e ser mais energico e severo com imigrantes principalmente cons do terceiro mundo.<sup>2</sup>*

*Saia do meu país! Eu sou brasileiro e estou vendo meu país ser invadido por esses homens-bomba miseráveis que mataram crianças, adolescentes. São miseráveis. Vamos expulsar ele!<sup>3</sup>*

Segundo o dicionário Aurélio, xenofobia significa “aversão a pessoas e coisas estrangeiras”. Essa aversão, no entanto, não pode ser compreendida apenas como decorrência do mero reconhecimento (cognitivo) de que alguém ou algo possui outra nacionalidade. O que

---

<sup>2</sup> Comentário de leitor da matéria “Brasileiros de Pacaraima expulsam venezuelanos após ataque”, publicado no portal Terra, em 18/08/2018. Foi mantida a grafia original da postagem.

<sup>3</sup> Fala do homem que agrediu um refugiado sírio no Rio de Janeiro. Publicado na matéria “Refugiado sírio é agredido enquanto vendia esfihas em Copacabana” no site UOL, em 03/08/2017.

caracteriza a xenofobia são os sentimentos intensos despertados pela ameaça imaginária que o estrangeiro representa; sentimentos, na maioria das vezes, de medo e ódio.

Ainda que a rejeição ao estrangeiro pareça encontrar alguma justificativa nas condições objetivas da realidade social, como a crise econômica, os altos índices de desemprego, a falta de recursos no país receptor, não se pode negar que as manifestações xenofóbicas são motivadas também pelas necessidades psicológicas dos indivíduos que as expressam.

Essa afirmação encontra respaldo nos Estudos sobre a personalidade autoritária, realizada por T. W. Adorno, E. Frenkel-Brunswik, D. J. Levinson e R. N. Sanford (2009), nos Estados Unidos, no período que se sucedeu ao término da Segunda Guerra.

No estudo, que teve por objetivo a investigação do indivíduo potencialmente fascista, os pesquisadores procuraram demonstrar a relação entre ideologia e personalidade, ou seja, como a primeira atende às necessidades psicológicas mais profundas de certos indivíduos.

A tese defendida pelos pesquisadores é que o antissemitismo, foco inicial da pesquisa, decorre muito mais das características da personalidade dos sujeitos antissemitas do que das características dos judeus. Considerando o antissemitismo como ideologia, ou seja, uma organização de opiniões, atitudes e valores, como um modo padronizado de pensar o humano e a sociedade, observam que a suscetibilidade de certos indivíduos a esta ideologia provém de suas necessidades psicológicas. Em outras palavras, certos indivíduos encontram respostas nesse modo padronizado de conceber o humano e o mundo, ou seja, na ideologia.

Tendo a psicanálise de Freud como base teórica para o estudo da personalidade, Adorno e colaboradores explicam que a hostilidade

contra grupos minoritários pode ser entendida como decorrência de preconceito, ou seja, uma atitude ou predisposição que não se origina de uma experiência real do indivíduo preconceituoso com os alvos. Desse modo, a hostilidade não se manifesta como resposta às características de seus alvos, mas das necessidades intrínsecas e profundas da personalidade do indivíduo preconceituoso, que se sente permanentemente ameaçado e, por isso, incapaz de refletir, reage de forma agressiva e irracionalmente às ameaças imaginárias. Por se tratar da necessidade psicológica de responder a essas ameaças, um indivíduo que é hostil com um determinado grupo minoritário, muito provavelmente será hostil também com uma extensa variedade de outros grupos considerados ameaçadores, como judeus, estrangeiros, negros, homossexuais e tantos outros. Por não existir uma razão que justifique a perseguição aos grupos minoritários é que a ideologia, como modo padronizado e, portanto, simplista de explicar o mundo, satisfaz as necessidades psicológicas de certos indivíduos para legitimar suas manifestações de hostilidade.

Sobre o preconceito, a partir dos trabalhos de Adorno, Crochík desenvolveu importantes estudos que se tornaram referência no campo da Psicologia. No entanto, é necessário enfatizar que Crochík, assim como Adorno, não reduz a compreensão do preconceito a um fenômeno psicológico, pois “é um fenômeno que não se localiza somente no indivíduo que o contém e na sua vítima potencial ou real, mas também na sociedade que pode inibi-lo ou suscitá-lo.” (CROCHÍK, 1997, p.42).

O preconceito, em sua manifestação individual, não é inato, pois se desenvolve ou não durante o processo de socialização e formação do indivíduo, durante o qual ocorre a introjeção e a apropriação de conteúdos preconceituosos presentes na cultura. Nesse processo, dependendo das condições históricas e sociais, dos valores predominantes em cada época e em cada sociedade, o indivíduo pode se tornar mais reflexivo

e autônomo ou, inibido e fragilizado pelos conflitos decorrentes da luta pela sobrevivência, como estratégia de sobrevivência, pode manter-se indiferenciado na massa e suscetível às propagandas ideológicas, que elegem os bodes-expiatórios da ocasião, como os imigrantes, por exemplo, que são culpados pelos infortúnios da sociedade. Desse modo, o preconceito pode ser entendido como um “mecanismo desenvolvido pelo indivíduo para poder se defender de ameaças imaginárias (...) um falseamento da realidade.” (CROCHÍK, 1997, p.18). E ainda, como uma atitude refratária à experiência e à reflexão, os indivíduos preconceituosos tendem a agir de modo irrefletido perante a ameaça configurada socialmente pela ideologia. “Quanto maior a debilidade de experimentar e refletir, maior é a necessidade de nos defendermos daqueles que nos causam estranheza.” (CROCHÍK, 1997, p.14).

Em outro trabalho, Crochík, Kohatsu, Dias, Freller e Casco (2013) reafirmam, em concordância com Jodelet (2006), que o “preconceito é uma atitude que contém uma tendência para a ação; entre as ações vinculadas ao preconceito estão a discriminação, a marginalização e a segregação.” (CROCHÍK e outros, 2013, p.13).

E como uma atitude:

O preconceito é um julgamento positivo ou negativo, formulado sem exame prévio a propósito de uma pessoa ou de uma coisa e que, assim, compreende vieses e esferas específicas. Disposto na classe das atitudes, o preconceito comporta uma dimensão cognitiva especificada em seus conteúdos (asserções relativas ao alvo) e sua forma (estereotipada), uma dimensão afetiva ligada às emoções e valores engajados na interação com o alvo, uma dimensão conativa, a descrição positiva ou negativa. (JODELET, 2006, citada por CROCHÍK e outros, 2013, p.12).

Mesmo concordando com Jodelet de que o preconceito é uma

atitude, que predispõe a certas ações, Crochík e outros (2013, p.15) apresentam um entendimento um pouco distinto da autora sobre segregação, marginalização e discriminação. Na compreensão dos pesquisadores, segregação e marginalização<sup>4</sup> são formas de discriminação social que, por sua vez, é derivada de preconceitos. Assim, sempre que houver discriminação, haverá preconceito, mas mesmo que não haja discriminação, como ação manifesta, poderá haver preconceito, ou seja, uma atitude ou predisposição para a ação dependendo da conjuntura social. Desse modo, sob certas circunstâncias, o preconceito pode ficar encoberto, enquanto que em outras, sua manifestação pode ser francamente explícita e declarada.

Embora os autores citados discutam outras formas de discriminação, como o antissemitismo, entende-se que as contribuições teóricas apresentadas auxiliam na compreensão da xenofobia como um fenômeno social, que tem em sua base o preconceito e este, por sua vez, é reforçado pela ideologia nacionalista.

A xenofobia como uma aversão ao que é estrangeiro, assim como outras formas de discriminação, revela a dificuldade em reconhecer a humanidade no outro que se mostra como diferente.

Crochík (2011), com base nos estudos de Adorno em “Tipos e Síndromes”, parte da obra *A Personalidade Autoritária*, citada anteriormente, discute a dificuldade de identificação, que se manifesta como identificação negada ou a negação da identificação. Na primeira, exemplificada pelo caráter frio do manipulador, há ausência ou negação de qualquer identificação com o outro; na segunda, que tem como exemplo o assassino de rua, a identificação pode existir, mas precisa ser

<sup>4</sup> Para os pesquisadores (CROCHÍK e outros, 2013, p.14-15), marginalização significa estar dentro da sociedade, mas não poder participar ativamente. Já segregação diz respeito a ação que leva a separação de indivíduos e grupos. É interessante notar que esse modo de compreender a marginalização vai ao encontro da concepção de homem marginal de Park.

negada para que o assassinato possa ser cometido. Diferenças à parte, em ambos os casos o sofrimento está presente; “a negação da identificação e a identificação negada são formas de defesa psíquica frente às ameaças existentes, ‘preço cobrado’ pela adaptação.” (CROCHÍK, 2011, p.13).

Se o preconceito contra o imigrante dificulta ou até mesmo impede a identificação entre os indivíduos e grupos diferentes, sua manifestação muito provavelmente comprometerá a inserção plena na sociedade receptora. Ainda que o imigrante se esforce para ser assimilado, tal empenho correrá o risco de ser em vão.

## À guisa de conclusão

*Haiti – migrar não é crime. Racismo é crime<sup>5</sup>.*

Nesse breve contato com alguns trabalhos que se dedicaram ao estudo da assimilação, distintos modos de compreensão do conceito foram encontrados. Em linhas gerais, alguns contrapontos nas concepções dos autores puderam ser observados: desaparecimento ou preservação da cultura de origem, assimilação ou marginalização, ajustamento unilateral das minorias ou mudanças recíprocas e compartilhadas. Críticas às concepções mais etnocêntricas e normativas também devem ser reconhecidas.

Por se tratar de constatações provisórias, de esboços de ideias e questionamentos em fase de elaboração, como desdobramento dessas tentativas de articulação somente algumas hipóteses podem ser apresentadas neste momento.

A primeira hipótese é a retomada um pouco mais elaborada de uma questão inicialmente apresentada: a assimilação não depende apenas

---

<sup>5</sup> Escrito no cartaz exibido por um jovem negro, durante uma manifestação na Av. Paulista, São Paulo. Fotografia de Ennio Brauns tirada em 2017, citada com autorização do fotógrafo.

da disposição e do esforço do estrangeiro. Este pode se identificar e querer se aproximar do grupo majoritário, mas sua inserção dependerá sobretudo da aceitação de seus membros. Se não houver identificação recíproca ou se esta for negada por alguma das partes, a aproximação dificilmente ocorrerá. E, tal como foi visto, o preconceito e a discriminação, tendo a xenofobia como sua expressão mais acentuada, são barreiras a essa aproximação.

Segunda hipótese: diante da dificuldade ou impossibilidade de se inserir e ser aceito, o estrangeiro pode acabar se isolando ou permanecendo entre os indivíduos da mesma origem. A segregação, que pode ser decorrente do autoisolamento, não deve ser compreendida como uma escolha, mas como uma forma de se proteger e se preservar das perseguições sofridas. Alguns grupos de imigrantes ou de minorias étnicas, como os ciganos, que historicamente sofreram perseguições, ainda hoje são considerados fechados e inassimiláveis por opção.

Terceira hipótese: por outro lado, como oposto ao isolamento, o esforço para ser assimilado e assim assemelhar-se ao grupo dominante, escondendo e negando as características de origem, também pode ser uma estratégia de defesa mimética para evitar a perseguição. A negação de si pode ser o preço a ser pago para sobreviver em um ambiente hostil. Quanto mais intensas forem as manifestações de preconceito, discriminação e xenofobia, maior poderá ser o esforço para ser assimilado. No entanto, em certos contextos, a mínima diferença não será tolerada. Assim, quanto maior o esforço do estrangeiro para se assemelhar, mais será lembrada a sua diferença.

Muitas outras questões, hipóteses e conjecturas poderiam ser derivadas dessas anotações. Muitos pontos precisam ser revistos e outros necessitam ser mais bem articulados. A inclusão de outras referências teóricas certamente contribuirá para melhor qualificar estas reflexões.

Mas, mesmo considerando um trabalho inacabado, ou melhor, em estágio inicial de elaboração, neste momento se faz necessário encerrá-lo.

## Referências bibliográficas

ADORNO, T. W.; FRENKEL-BRUNSWIK, E.; LEVINSON, D. J.; SANFORD, R. N. Estudos sobre la personalidad autoritária. In: ADORNO, T. W. *Escritos Sociológicos II.*, v.1. Obra Completa. Madrid: Ediciones Akal, 2009, p.145-187.

ALBA, R. e NEE, V. Rethinking Assimilation Theory for a New Era of Immigration. *International Migration Review*, v. 31, nº 4, Special issue: Immigrant Adaptation and Native-born Responses in the Making of Americans, 1997, p.826-874.

BECKER, H. Conferência A Escola de Chicago. *Mana*, 2 (2), 1996, p.177-188.

BOURDIEU, P. Prefacio. In: SAYAD, A. *La doble ausencia. De las ilusiones del emigrado a los padecimientos del inmigrado*. Barcelona: Anthropos Editorial, 2010, p.13-17.

CASTLES, S. e MILLER, M. J. *La era de la migración. Movimientos internacionales de población en el mundo moderno*. México: Universidad Autónoma de Zacatecas, 2004.

COULON, A. *A Escola de Chicago*. Campinas: Papirus, 1995.

CROCHÍK, J. L. *Preconceito, indivíduo e cultura*. São Paulo: Robe Editorial, 1997.

CROCHÍK, J. L. A forma sem conteúdo e o sujeito sem subjetividade. In: \_\_\_\_\_ *Teoria crítica da sociedade e psicologia: alguns ensaios*. Araraquara: Junqueira & Marin; Brasília: CNPq, 2011, p. 11-34.

CROCHÍK, J. L.; KOHATSU, L. N.; DIAS, M. A. de Lima; FRELLER, C. C.; CASCO, R. *Inclusão e discriminação na educação escolar*. Campinas: Editora Alínea, 2013.

GALO, H. Apresentação. In: ANTÔNIO, L. C.; OLIVEIRA, T. de;

MACEDO, M. de. (orgs.). *Relatório Anual 2018: Migrações e mercado de trabalho no Brasil*. Série Migrações. Brasília: OBMigra, 2018. p.7.

GORDON, M. *Assimilation in American Life*. New York: Oxford University Press, 1964.

HARVEY, L. A 'Escola de Chicago'. 'The Chicago School' (título original). In: \_\_\_\_\_ *Myths of the Chicago School of Sociology*. Trad. Sophia Eufrazio Nassar. Avebury, Aldershot, 1987, p. 1-22.

PARK, R. E. Human Migration and the Marginal Man. *American Journal of Sociology*, v.23, n. 6, p.881-893, 1928.

PARK, R. E. e BURGESS, E. W. *Introduction to the Science of Sociology*. Second edition. Chicago: The University of Chicago Press, 1924.

PISON, G. Os números podem derrubar mitos e clichês sobre a migração ao redor do mundo. *BBC Brasil*, 24 mar. 2019. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/internacional...>](https://www.bbc.com/portuguese/internacional...). Acesso em: 26 mar. 2019.

UNITED NATIONS HIGH COMMISSIONER FOR REFUGEES – UNHCR. *Global trends. Forced displacement in 2017*. Geneva: UNHCR, 2018. Disponível em: <http://www.unhcr.org/statistics> Acesso em: 21 mar. 2019.

SIMMEL, G. The Stranger. In: \_\_\_\_\_ *On individuality and social forms. Selected Writings*. Chicago-London: The University of Chicago Press, 1971, p.143-149. Originalmente publicado em 1908.

THOMAS, W. I. e ZNANIECKI, F. *The Polish peasant in Europe and America*. New York: Alfred A. Knopf, 1927.